

“COMPRE MENOS, ESCOLHA MELHOR E FAÇA DURAR”: a sustentabilidade na prática de vestir

THALITA SILVA CALÍOPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

JOSE CARLOS LAZARO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

“COMPRE MENOS, ESCOLHA MELHOR E FAÇA DURAR”: a sustentabilidade na prática de vestir

1. INTRODUÇÃO

A indústria da moda é reconhecida por suas características insustentáveis (ANGUELOV, 2015). A maior parte desse problema se dá pelo modelo de negócio vigente: o fast fashion, que preza pela rapidez da fabricação ao consumo, resultando no curto ciclo de vida das roupas. Soma-se a isso impactos sociais, relacionados à mão-de-obra, por exemplo, e ambientais, que incluem uso da água e descarte de roupas. Essas questões permeiam todo o sistema da moda, perpassando manufatura, uso e estruturas sociais.

Diante desse cenário, faz-se necessária uma transição. A slow fashion surge como uma alternativa que representa a ruptura com as práticas atuais do setor e dos consumidores e cujo propósito é tornar os processos mais éticos e ambientalmente amigáveis, prezando pela qualidade e resultando em roupas com estilo atemporal e maior ciclo de vida.

Essa transição da fast fashion para a slow fashion pode ser analisada sob a ótica da teoria de práticas. Nessa abordagem, conforme colocado por Schatzki (2001), o foco está nos processos de efetuação prática da vida social, que são os detalhes e as condições em que as atividades normais, como cozinhar ou lavar roupa, são socialmente executadas. Sendo possível também usá-la na análise do consumo como propõem Halkier (2013), Halkier, Katz-Gerro e Martens (2011) e Kuijer e Jong (2009). Desvia-se o foco da tomada de decisão de consumo individual para como as várias práticas sociais são realizadas (HARGREAVES, 2011). Consoante Shove e Pantzar (2005), as práticas envolvem a integração ativa de materiais, significados e habilidades. De maneira que os artefatos não têm valor por si só, somente quando integrados na prática e aliados às formas necessárias de habilidade e de significado. Além disso, as práticas estão relacionadas aos hábitos e rotinas e ao tempo.

Na slow fashion, busca-se aumentar o ciclo de tempo de consumo das roupas. Um caminho para isso, e para tornar a moda mais sustentável, é mudar a forma como as pessoas usam, lavam e secam suas roupas (FLETCHER; GROOSE, 2011). Segundo Fletcher (2012), a durabilidade das roupas é promovida através das práticas de uso, que são práticas sociais que facilitam e emergem em torno do uso contínuo das roupas ao longo do tempo. Indo além, tem-se a prática de se vestir, que é como as roupas são escolhidas diariamente no guarda-roupas e combinadas entre si; e também a prática de vestir que inclui as práticas relacionadas à aquisição, manutenção, reparo e descarte, considerando que essa é um composto de práticas (GILL; LOPES, 2011; KLEPP; BJERCK, 2012; WARDE, 2016; WOODWARD, 2007).

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é compreender a sustentabilidade na prática de vestir, considerando como e se os elementos da slow fashion são aplicados no cotidiano. Especificamente, busca-se identificar materiais, significados e habilidades nas práticas de aquisição, manutenção e reparo das roupas, em um contexto espacial e temporal.

Para atingir o objetivo proposto foi feita uma pesquisa de campo em uma cidade que vem se destacando por ter um mercado de slow-fashion, Berlim, e buscando entender o dizeres e fazeres dos praticantes. Foram realizadas 24 entrevistas com a comunidade brasileira que vive em Berlim entre os meses de agosto e setembro de 2018. Com os dizeres dessas entrevistas, foi possível entender um pouco sobre a prática de vestir, especialmente acerca do cuidado com as roupas, do compartilhamento e da reciclagem de roupas.

A pesquisa justifica-se diante do gap existente na análise da moda e da sustentabilidade sob a lente da teoria de práticas (MARTÍNEZ-BARREIRO, 2020), uma vez que as práticas mundanas e ordinárias têm sido ignoradas pela moda, que enfatiza o novo e o espetacular (BUCKLEY; CLARK, 2017; SKJOLD, 2016).

A escolha por pesquisar brasileiros residentes em Berlim se deu pela oportunidade de participação em um projeto intitulado “Interventions towards sustainable consumption: a cross-cultural comparison between Germany & Brazil” do programa PROBRAL, cujo

propósito era comparar diferentes estratégias de promoção de estilos de vida sustentáveis na Alemanha e no Brasil com foco em uma mudança para hábitos de consumo extensivos de recursos. Soma-se a isso que Berlim é reconhecida como capital da moda verde (FLOOD, 2019), onde a *slow fashion* é uma tendência (BERG, 2019) e está marcadamente presente seja por meio de lojas com essa proposta, seja por meio de brechós.

2. SLOW FASHION: ALTERNATIVA PARA A SUSTENTABILIDADE NA MODA

O movimento *slow fashion* propõe retomar os valores da qualidade das peças de vestuário, oferecendo itens mais duráveis e atemporais (JOY; PENÃ, 2017). Seu propósito é identificar soluções sustentáveis de design, produção, consumo, uso e reutilização (CLARK, 2008). Lai, Henninger e Alevizou (2017) expõem que o processo de design deve ser centrado na extensão da vida das roupas, desenvolvendo um estilo acrônico, em que a produção é ética e socialmente responsável, com salários justos aos trabalhadores e criando empregos locais.

A *slow fashion* é um caminho, por exigir uma visão holística, apesar disso, ainda não está claro se esse movimento pode eventualmente desafiar o domínio global da *fast fashion*, visto que estão envolvidos muitos *trade-offs* e conflitos (JUNG; JIN, 2014; NIINIMÄKI, 2013). Pedersen e Andersen (2015) declaram que a natureza sistêmica dos desafios de sustentabilidade na indústria da moda destaca a necessidade de ação de todos os stakeholders. Conforme Niinimäki (2013), a extensão da vida útil das roupas é uma das questões mais críticas para o desenvolvimento sustentável. Semelhantemente, Jung e Jin (2014) defendem que maximizar a utilidade de uma peça de vestuário permitiria reduzir o consumo de recursos naturais e o desperdício de energia e incentivaria as pessoas a comprar menos, desde que a peça fosse de qualidade superior e durável. Consoante Niinimäki e Hassi (2011), promover o consumo mais sustentável pode significar adotar a *slow fashion* por meio da compra de produtos locais ou personalizados para alcançar alta qualidade e valor sustentável. Para Moon *et al.* (2013), na fase de utilização, os recursos usados para cuidar de um produto de moda durante sua vida de uso, como lavar e engomar, também devem ser considerados.

Quadro 1 - Práticas relacionadas à *slow fashion*

Prática	Explicação/Relevância para a sustentabilidade	Autores
Alugar ou pegar roupas emprestadas	Aluguel de roupas por um período limitado de tempo pagando uma taxa ou empréstimos entre amigos e familiares. Esse modelo pressupõe que o aumento da circulação de roupas entre consumidores tem potencial para satisfazer seu apetite pela mudança e novidade sem aumentar o consumo.	Petersen e Riisberg (2017) Zamani, Sandin e Peters (2017)
Adquirir roupas de segunda mão	As roupas que recebem uma segunda vida poluem menos por pouparem energia, diminuírem a pressão sobre recursos virgens e reduzirem a necessidade de espaço em e, por isso, o papel da reciclagem e do <i>vintage</i> para a sustentabilidade é reconhecido.	Allwood <i>et al.</i> (2008) Cervellon e Wernefelt (2012)
Customizar e reparar	Quando se reconhece a contribuição e a relevância dos serviços de reparo, reforma e manutenção de roupas para a sustentabilidade da indústria da moda, elas deixam de ser um conjunto de atividades isoladas e específicas e passam a ser um elemento intrínseco à efetividade geral do sistema de moda.	Ekström e Salomonson (2014) Fletcher e Groose (2011)
Doar/vender/trocar	Doar e vender roupas é uma forma de se desfazer delas aumentando seu ciclo de vida. Trocar está se tornando popular por ser outra forma de os consumidores reciclarem suas roupas.	Joung e Park-Poaps (2013)
Reciclar roupas: <i>upcycling</i> e <i>downcycling</i>	O <i>upcycling</i> visa manter a qualidade do produto alta e pode até significar aumentar o valor do material. No <i>downcycling</i> , há perda de valor do material e a qualidade é menor do que no material original.	Fletcher e Groose (2011) Niinimäki (2013)

Fonte: elaborado pela autora.

Na *slow fashion*, a durabilidade está ligada à sustentabilidade. Fletcher (2012) elucida que prolongar a vida do produto proporciona mais oportunidades para utilizá-lo, fazendo com que consumo seja prevenido, recursos salvos, desperdício reduzido e necessidades atendidas. Alguns tópicos devem ser considerados em relação ao uso e consumo sustentável de roupas: comprar menos; investir em roupas com significado, duráveis, clássicas e de qualidade; investir em materiais sustentáveis; estender o tempo de uso das roupas e vesti-las sempre; lavar menos e deixar a roupa descansar entre os usos; fazer a manutenção e o reparo do vestuário para ampliar o tempo de uso (NIINIMÄKI, 2013).

Outro ponto de destaque são os resíduos têxteis e de vestuário. Niinimäki e Hassi (2011) dizem que a quantidade crescente de resíduos levou à reutilização e à reciclagem. Porém, essas abordagens não enfrentam os reais problemas: o aumento do consumo; o problema de resíduos; o impacto ambiental do aumento da produção têxtil; e os problemas de sustentabilidade social da indústria têxtil e de vestuário. Isso ocorre principalmente pois não se exigem grandes mudanças de produtores e consumidores. Diante disso, a literatura elenca uma série de práticas orientadas para a abordagem *slow fashion*, como exposto no Quadro 1.

Embora o *design* e a produção sejam extremamente importantes para essa perspectiva, as práticas são mais direcionadas para a redução do consumo.

3. TEORIAS DAS PRÁTICAS SOCIAIS

As teorias das práticas incluem múltiplas teorias de prática e sistematizam elementos sobre as práticas sociais (HALKIER, 2013, SCHATZKI, 2001A). As práticas sociais são as unidades de análise e o foco está em como são realizadas (HARGREAVES, 2011; RØPKE, 2009). Assim, as ações individuais são constituídas por práticas construídas e sustentadas por praticantes que ao se envolverem em práticas as normalizam e sustentam (RØPKE, 2009).

À medida que os indivíduos vivem, entram em contato, são recrutados, têm carreiras e são defeituosos para uma grande variedade de práticas. Na teoria de práticas, é mediante esses compromissos com práticas que os indivíduos entendem o mundo ao seu redor e aprimoram um senso mais ou menos coerente de si mesmos (HARGREAVES 2011). Segundo Reckwitz (2002), o indivíduo age como um transportador ou carregador de práticas; a prática é compreensível também para observadores potenciais; uma prática é uma maneira rotineira na qual corpos são movidos, objetos são tratados, coisas são descritas e o mundo é entendido.

Os estudos aplicados sobre práticas criaram uma base analítica para “enxergar” as práticas e seus elementos. Gram-Hanssen (2010) resumiu isto em um quadro considerando autores como Reckwitz, Schatzki, Watson e Shove. Nos estudos sobre práticas de consumo, os elementos propostos por Elisabeth Shove e colegas têm uma adesão notável (CORSINI *et al.*, 2019). Para Shove e Pantzar (2005), as práticas envolvem a integração de materiais, significados e habilidades e os materiais só têm valor se integrados na prática e aliados às habilidade e significados. Materiais são coisas, ferramentas, infraestrutura, tecnologias; competências são habilidade, know-how e técnicas; e significados representam sentidos, ideias e aspirações (SHOVE; PANTZAR; WATSON, 2012).

A compreensão das mudanças sociais envolve como as práticas evoluem, capturam praticantes e os perdem, quem são seus transportadores e como os sistemas e complexos de prática se formam e se fragmentam (SHOVE, 2010). Para Shove e Pantzar (2005), novas práticas consistem em novas configurações de elementos existentes ou novos elementos em conjunto com aqueles que já existem. O importante é como os elementos se encaixam em um contexto espacial e temporal.

A prática como entidade mescla atividades corporais e mentais mantidas unidas por materiais, significados e competência e, ao serem constituídas por performances, as práticas são enraizadas em hábitos e rotinas (JAEGER-ERBEN; OFFENBERGER 2014; RØPKE, 2009; WATSON, 2012). Evans, McMeekin e Southerton (2012) expõem que enquanto as práticas são realizadas rotineira e habitualmente no espaço e no tempo (e assim reproduzidas),

os praticantes podem adaptar, improvisar e experimentar as formas de fazer. O ponto crucial é que práticas são feitas por e através da reprodução de rotinas (SHOVE; PANTZAR, 2005).

Interpretando a característica da espaço-temporalidade das práticas propostas por Schatzki (2015, CASTELO et al. 2021), entende-se que as práticas competem por recursos limitados, como o tempo (WATSON, 2012). Southerton (2013) expressa que a formação e reprodução de práticas que assumem formas de ação habituais e rotineiras são, em parte, susceptíveis de serem condicionadas pelas múltiplas exigências temporais dessas práticas.

3.1 Teorias de prática e consumo

O consumo, de acordo com Warde (2005), é um momento em quase todas as práticas. Coadunando, Ropke (2009) coloca que na teoria de “práticas”, comprar é apenas uma maneira de adquirir bens e serviços consumidos no decorrer das práticas. Para Halkier (2017), as práticas implicam em, oferecem ou convidam ao consumo. Tais perspectivas se encaixam na proposta seminal de Schatzki (1996) que classifica as práticas em “dispersas” e “integrativas”

O foco nos indivíduos como praticantes (carregadores) sugere que usam ou consomem recursos e produtos enquanto se envolvem em atividades rotineiras; que os padrões de consumo refletem as práticas em que se envolvem; e que o consumo é deduzido das práticas (EVANS; MCMEEKIN; SOUTHERTON, 2012; RØPKE, 2009). McMeekin e Southerton (2012) indicam que a abordagem das práticas para compreender o consumo oferece uma visão com ênfase nas explicações sobre o que as pessoas fazem e por que fazem isso.

Nos estudos sobre consumo, a teoria de práticas e sua ênfase no hábito e na rotina para entender o consumo e a possibilidade de sustentabilidade destaca-se (CORSINI, 2019; LEOCADIO *et al.*, 2019). Isso acontece, conforme Browne *et al.* (2014) e Mcmeekin e Southerton (2012), por fornecer ferramentas para entender processos e identificar caminhos para mudanças sistêmicas na sustentabilidade do consumo. Presume-se que os padrões de consumo nocivos ao meio ambiente estão inscritos nas práticas diárias (LITTIG; LEITNER, 2017). Assim, gerar práticas de consumo sustentáveis exige que as práticas, seus elementos e suas conexões (nexus) insustentáveis sejam desafiados e quebrados para serem substituídos e reeditados por novas práticas mais sustentáveis (HARGREAVES, 2011).

Como exemplo, Evans, McMeekin e Southerton (2012) afirmam que para alcançar formas mais sustentáveis de consumo de alimentos é necessário focar em sistemas de provisão e reconhecer que existem práticas que compõem e contribuem com a prática de comer. Essas práticas incluem aquisição, armazenamento, métodos de cozimento e de preparo e as formas em que os alimentos excedentes e descartados são dispostos. Segue-se que os esforços para desenvolver práticas alimentares mais sustentáveis requerem intervenções que abordem as atividades que formam a prática. Para a compreensão dessas práticas, precisa-se entender que essas são um composto “integrado” de várias práticas, com diversas abordagens (nexus, redes, sistema, constelação, malha) como Castelo *et al.* (2021) resgatam.

De modo semelhante, a prática de vestir, é uma rede/malha de práticas que inclui a aquisição (onde, como e quando as pessoas adquirem roupas), armazenamento do vestuário, cuidados como lavar, secar, passar e reparar, e ainda como as peças são descartadas. Com base no exposto, a prática de vestir é apresentada com mais detalhes adiante.

4. A PRÁTICA DE VESTIR

A moda é reconhecida pela juventude, pela novidade e pelo estilo mais recente, porém, apesar de isso ser uma parte importante do que a constitui, existem outras partes que não estão incluídas nessas categorias. Esse aspecto da moda compreende as práticas comuns e mundanas de vestir, onde os itens são retirados do guarda-roupa pessoal de maneira rotineira (BUCKLEY; CLARK, 2012).

Para Gronow (2013), não obstante a novidade, uma nova moda não muda nenhum hábito social, tudo permanece do mesmo jeito, por isso não se poderia discutir a prática da moda. Buckley e Clark (2017), por sua vez, propõem que a moda é cada vez mais parte da

vida diária. Para as autoras, a moda teve um impacto no cotidiano de muitas pessoas, através do aumento do poder de compra, da disponibilidade de produtos e dos preços mais baixos dos bens, especialmente de roupas. Assim, elas explicam que as pessoas em suas rotinas diárias interpretaram os ciclos da moda, mesmo que nem sempre sejam os mais recentes ou mais articulados como um visual coerente, e essa moda heterogênea representa um agrupamento de vestimentas acumuladas em guarda-roupas ao longo do tempo.

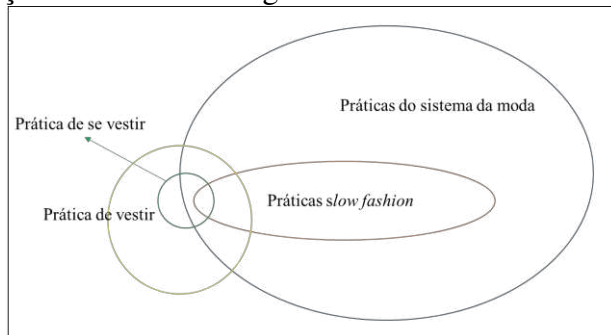
A roupa, depois de comprada, passa a maior parte do tempo dentro no guarda-roupa ou em algum ponto da casa como parte de outras práticas (WOODWARD, 2007). Nesse ponto, Klepp e Bjerck (2014) esclarecem que as roupas estão envolvidas em uma série de rotinas cotidianas que se caracterizam por serem automatizadas e, portanto, invisíveis até mesmo para quem as pratica. Conforme Buckley e Clark (2012), a moda como prática do dia a dia envolve a aquisição de peças únicas que se somam ao guarda-roupa e ajudam a reconfigurá-lo.

Gill, Lopes e Kaye-Smith (2016) destacam que quando o uso e a manutenção das roupas estão postos como práticas cotidianas, a vida e o significado que as roupas passam a ter como usadas criam valor positivo, especificamente em termos de prática de sustentabilidade e sinais positivos relacionados a uma cultura material mais sustentável. Para elas, o uso das roupas é o resultado de conjuntos de práticas relacionadas ao vestir, que usam a roupa ao longo do tempo, incluindo, por exemplo, a lavagem.

Nesse sentido, Klepp e Bjerck (2014) expõem que o guarda-roupa pode ser o espaço de armazenamento ou uma coleção de roupas. Essa dualidade aponta para as roupas, mas também aponta para as molduras materiais dentro das quais elas são mantidas. Essas molduras referem-se não apenas às paredes físicas do armário, mas a toda uma estrutura de diferentes espaços de armazenamento com critérios correspondentes de onde e quais roupas devem ser guardadas e como as roupas devem ser movidas entre elas. A manutenção, a limpeza, a aquisição e o descarte fazem parte dessa estrutura, assim como a prática de se vestir em que as roupas e acessórios são escolhidos e montados.

Diante disso, depreende-se a prática da moda, que engloba todo o sistema da moda, mas também os aspectos culturais relacionados a ela, incluindo de práticas de seleção no setor industrial ao uso, as práticas de vestir e de “se vestir”, que são compostos também por elementos externos ao sistema da moda. A prática de vestir está relacionada com as práticas cotidianas de aquisição, armazenamento, manutenção e descarte. A prática de se vestir são as escolhas diárias de roupas para vestir os corpos. A *slow fashion* emerge como uma tentativa coerente de um composto de práticas ao abranger o sistema da moda. O elemento que une essas práticas é a roupa, o artefato material. A Figura 1 ilustra o contexto dessas práticas.

Figura 1 – Interpretação do contexto: diagrama de Venn das “redes” de práticas e a roupa



Fonte: elaborado pela autora.

As roupas usadas pela maioria das pessoas em suas vidas diárias têm sido tipicamente uma síntese do novo e do antigo, do ousado e do mundano. Essa percepção de que o cotidiano é difícil de localizar e de conhecer e fora dos campos tradicionais do conhecimento exige uma interpretação alternativa quando se trata de um assunto como a moda (BUCKLEY; CLARK, 2017). Os *wardrobe studies* (estudos do guarda-roupa) surgem como essa abordagem. Skjold

(2016) explica que no centro deste método está o guarda-roupa como um espaço onde as pessoas gerem autocompreensão e autopercepções “interiores” através do ato de se vestir e, ao mesmo tempo, se preparam para participar da vida social.

Klepp e Bjerck (2014), por seu turno, explicam que os estudos de guarda-roupa são uma abordagem metodológica que analisa a forma como as roupas se relacionam no todo ou em partes no guarda-roupa. O foco está na relação entre o corpo e as roupas e o ponto de partida teórico para este enfoque é a teoria de práticas em que o material entra como parte integral. Ou seja, os estudos do guarda-roupa como método são desenvolvidos dentro de uma compreensão da prática em que a materialidade está no centro. Com base nisso, a seguir, o método desta pesquisa é exposto.

5. MÉTODO

Essa pesquisa segue uma abordagem praxeológica. Em conformidade com Jonas, Littig e Wroblewski (2017), a pesquisa praxeológica enfatiza a proximidade do pesquisador no campo da pesquisa e a relevância da reflexão crítica sobre esta posição. Nesta abordagem, incluem considerações sobre familiarizar-se com as práticas no campo da pesquisa, tornando-se um praticante e refletindo sobre as próprias práticas de pesquisa. Para os autores, a multi-localização ajuda a quebrar a situação e o viés de configuração única.

Littig e Leitner (2017) recomendam a combinação de dados diferentes, pois isso fornece uma imagem mais diversificada e detalhada do fenômeno estudado, por isso, optou-se pelo uso da observação durante a entrevista, seguindo Halkier (2017), que explica que é importante prestar atenção às materialidades relevantes e aos procedimentos práticos.

Como elemento chave do estudo tem-se a vivência de 5 meses em Berlin (maio a setembro de 2018) observando e interagindo com o milieu de *slow fashion*, que levaram à realização de 24 entrevistas semiestruturadas e abertas em Berlim, onde a *slow fashion* é uma tendência (BERG, 2019), entre os meses de agosto e setembro de 2018. As entrevistas foram gravadas e têm, em média, 41 minutos de áudio. Os entrevistados foram selecionados a partir da publicação de um post convidando pessoas que se dispusessem a participar da pesquisa em grupos de brasileiros (devido a acessibilidade linguística) em Berlim em uma rede social. Além disso, observou-se a dinâmica da cidade em relação à sustentabilidade na moda.

A maioria das entrevistas, 17 delas, aconteceram presencialmente na casa dos participantes, o que permitiu a observação das roupas (e de sua contagem) e dos espaços onde eram armazenadas, assim como compreender melhor algumas das práticas que acontecem no interior das casas. Um dos encontros foi presencial, mas num shopping. Os demais foram via Skype® ou Facebook®. A amostra é composta, em sua maioria, por mulheres, casadas, com bacharelado, com idade média de 31 anos e com renda familiar entre 1000 e 2000 euros. O roteiro da entrevista contém 66 perguntas abertas e está dividido em 7 blocos: inventário do guarda-roupa; tempo de uso das roupas e motivos para aquisição e descarte; reutilização de roupas de segunda mão; reutilização de roupas de formas inovadoras (compartilhamento, troca e reciclagem de roupas); manutenção das roupas (lavagem, secagem e passagem); reparo das roupas; e, por último, dados demográficos. Esse roteiro baseou-se na literatura sobre moda, especialmente métodos inovadores de consumo e cuidados com as roupas, e foi elaborado por um grupo de pesquisa da Universidade de Ulm, na Alemanha.

Seguindo Gill e Lopes (2011) e Klepp e Bjerck (2014), solicitou-se que os participantes da pesquisa fizessem um breve inventário de seus guarda-roupas. Inicialmente falando quantas peças achavam que tinham de cada categoria (como blusas e calças) e, em seguida, contando as peças que estavam em seus guarda-roupas (ou em outras partes da casa), descrevendo a marca das roupas e a frequência de uso delas. Dos 24 entrevistados, 20 dispuseram-se a fazer esse inventário.

Após a transcrição, os dados foram analisados com o auxílio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN; 1977) no software ATLAS.ti 9® para atingir os objetivos propostos.

Dentro de cada prática foram aplicadas as categorias (codes): “materialidade”, “significado” e “habilidade”, seguindo a proposta de Shove, Pantzar e Watson (2012). Foram definidos 152 codes, distribuídos entre 10 práticas. A seguir são apresentados os resultados da pesquisa.

6. RESULTADOS

6.1 Observações sobre a prática de vestir em Berlim

As práticas sustentáveis são presentes no cotidiano de Berlim, especialmente porque existe uma infraestrutura que permite isso, desde a coleta seletiva, passando pela oferta de produtos orgânicos e ambientalmente amigáveis, até transporte público acessível. Isso também se estende às práticas relacionadas à moda. No portal oficial da cidade (www.berlin.de), por exemplo, são listadas 92 lojas de roupas, móveis e brinquedos de segunda-mão. Conforme esse site, existe um aumento do interesse por lojas desse tipo, de modo que adquirir objetos usados é uma forma de proteger o meio ambiente.

A criatividade pulsa em Berlim. Nota-se isso nas galerias de arte, nos grafites e também em como os berlinenses se vestem. O estilo, simultaneamente, singular e plural deles se dá não por seguirem a última moda, mas por se permitirem vestir (e ser) o que quiserem sem se importar com julgamentos, abraçando toda a multiculturalidade que Berlim é. Essa combinação faz com que a moda flua de maneira natural.

É comum andar pela cidade e encontrar brechós de vários estilos: de cunho social (como as várias lojas da Humana); de artigos de luxo; especializados em moda vintage; que fazem upcycling; ou mesmo os brechós que só vendem roupas usadas. Aos domingos os mercados de pulgas espalhados por Berlim oferecem toda sorte de roupas, das antigas ao design autoral. A cultura de adquirir peças de segunda mão também está presente online nos grupos de doação nas redes sociais, como o Free your stuff Berlim, e nos grupos de trocas. Nos bairros mais alternativos, encontram-se facilmente lojas com vestimentas confeccionadas com materiais orgânicos, sustentáveis e reciclados. Quanto ao descarte, é possível encontrar containers de instituições de caridade para depositar roupas, sapatos ou outros têxteis.

A lavagem das roupas acontece, geralmente, numa máquina de lavar instalada no banheiro dos apartamentos/casas ou em lavanderias comunitárias, onde se paga para usar as máquinas de lavar e secar roupas. Após a lavagem, são estendidas em varais de chão dentro de casa. Não existe um espaço físico no interior das residências destinado à essas práticas. Posto este breve resumo sobre as percepções que tenho de Berlim a partir de observações sobre as práticas relacionadas ao vestir, a seguir são expostos os resultados da pesquisa, salientando-se que não se busca esgotar todos os elementos referentes às práticas.

6.2 Práticas de vestir

A prática de vestir, como um composto de práticas, consiste em: gerenciar o guarda-roupa; descartar roupas; adquirir roupas (reutilizar roupas de segunda mão; pegar roupas emprestadas; alugar e trocar roupas; comprar roupas recicladas e reciclar roupas); manter as roupas (lavar roupas; secar roupas; passar roupas; reparar roupas). Essencialmente, todas essas práticas compartilham a mesma materialidade: a roupa.

6.2.1 Prática 1: gerenciar o guarda-roupa

Gerenciar o guarda-roupa é, além de mantê-lo arrumado, saber as roupas que tem, o que é preciso adquirir, identificar o que e por que não está sendo usado e separar as roupas. Além da roupa em si, os materiais que compõem essa prática incluem onde a roupa é mantida, como guarda-roupas, araras, estantes e cômodas, e os acessórios usados para isso, como cabides, caixas e sacos organizadores. Observou-se que as partes de cima, como blusas e jaquetas, e vestidos costumam ficar penduradas em cabides, enquanto as demais peças são colocadas em pilhas no armário; e que os praticantes com menos roupas optam por colocá-las em araras e estantes, permitindo a visualização de todas as peças.

Em Berlim, as moradias são pequenas, o que delimita a quantidade de bens dos praticantes, inclusive roupas, uma vez que o espaço para guardá-las é restrito. E22 afirma que:

“aqui tudo é mais compacto, então quando eu noto que os cabides não cabem mais no guarda-roupa, aí eu vejo que é o momento de rever e acabo fazendo uma limpeza”.

Destaca-se que, devido à mudança de estação, parte das roupas fica no guarda-roupa, e a outra parte fica armazenada conforme o clima, seja embalada à vácuo, em malas ou no maleiro do guarda-roupas. Isso implica que pelo menos uma vez por ano é preciso fazer uma análise das vestimentas e decidir o que permanece no acervo para o próximo ano e o que deve ser descartado. Como E7 sublinha: “toda vez que troca de estação eu tento dar uma limpada no armário e tirar roupa para doação para trazer energia nova para dentro do guarda-roupa”.

A partir disso, tem-se que como primeira competência ‘organizar o guarda-roupa’ e consiste em saber quando é preciso fazer essa arrumação e fazê-la a fim de deixar apenas aquilo que é funcional disponível. E24 revela que “na troca de estação, eu faço a troca de guarda-roupa, pego as roupas de inverno e coloco de fácil acesso e as roupas de verão eu guardo na mala, aí nessa mudança eu olho minhas roupas e falo ‘ah não essa roupa eu não uso mais, essa roupa eu doo’”. No contexto dos entrevistados, o local onde as roupas são guardadas geralmente é arrumado duas vezes por ano na troca de estação.

A mudança de país também influenciou para uma reorganização mais radical, em alguns casos, posto que durante a transição do Brasil para a Alemanha há pouco espaço para carregar utensílios pessoais, como roupas, e que o destino possui uma realidade diferente, tanto pela cultura quanto pelo clima:

Eu diminuí muito o tamanho do meu guarda-roupa de 1 ano pra cá, porque eu ia me mudar e eu sabia que eu ia ter um estilo de vida diferente; e porque quando eu cheguei aqui pouco tempo depois virou inverno, aí de certa forma eu tive que construir um outro tipo de guarda-roupa e aí as roupas que eu tinha no Brasil eram praticamente tudo de verão. (E15)

Outra competência é ‘conhecer o guarda-roupas’. Para isso, solicitou-se aos praticantes que dissessem quantas peças de cada categoria achavam que tinham e em seguida contassem quantas peças de fato detinham. O resultado é que todos subestimaram o número de roupas que possuíam, indicando que não têm noção da quantidade de vestimentas que têm.

‘Usar as roupas que possui’ é mais uma competência. Do ponto de vista da *slow fashion* esse componente é de suma importância, uma vez que busca-se maximizar o uso do vestuário, evitando o desperdício e, de certo modo, compensando os recursos gastos. E16 fala o seguinte: “Eu tenho um set de roupas e de calças que eu fico misturando uma com a outra e vou ficar repetindo e fazendo as combinações. Eu procuro sempre usar as minhas roupas pra eu também não desperdiçar, não vou comprar à toa”.

Outro elemento da prática é ‘identificar o que não usa e por que’. As roupas são usadas com pouca frequência ou não são usadas por serem apropriadas para situações específicas, como roupas de festas e formais, por não caberem mais ou mesmo por serem adequadas para uma época do ano. Além disso, a cultura e o estilo de vida influenciam no uso ou não de algumas roupas. E11 comentou o seguinte: “eu trouxe vários vestidos bonitos, no Brasil eu vestia bastante eles, mas aqui, culturalmente, as pessoas se vestem de maneira mais simples e acabou que eu não usei”. No que lhe concerne, E15 afirma que “tem roupas que eu acho que são um pouco mais formais que não se encaixam muito na minha rotina aqui”.

‘Verificar quando comprar roupas’ também é uma competência na prática de gerir o armário e implica apontar quando existe a necessidade de implementar peças novas. Essa competência envolve descrever o motivo que levou a compra. Para os praticantes, as roupas são adquiridas por necessidade, por causa de um evento, pela mudança no peso, pela mudança de estação, para renovar o guarda-roupas ou por gostar de uma roupa.

‘Separar as roupas que não são usadas’ é reservar as peças ociosas para descartá-las. Esse processo é feito durante a organização do guarda-roupa e se tem uma visão geral das peças disponíveis. E2 e E12 expõem que separam as roupas que sabem que não serão mais usadas. E1 diz que só separa aquilo que sabe para onde irá levar ou para quem irá doar.

Quanto aos significados, três se destacaram entre os praticantes: a esperança de emagrecer, a qualidade e a durabilidade. Algumas roupas permanecem nos armários sem uso por não caberem mais em seus respectivos donos, pois eles têm a esperança de um dia emagrecerem e voltarem a vestir as peças. Além disso, algumas roupas são mantidas por apego, seja por serem presente de alguém especial, por serem herdadas de um familiar ou mesmo como lembrança de um momento da vida.

Em relação à qualidade, as roupas de *fast fashion* são consideradas de baixa qualidade, por isso a compra delas pode ser evitada ou podem ser compradas de forma impulsiva, uma vez que são mais baratas e atendem a uma demanda pontual, não causando arrependimento posterior da compra. Além disso, a qualidade é um elemento considerado quando uma roupa nova é comprada, como relata E10: “eu compro quando eu vejo uma coisa que está num valor bom, numa qualidade boa e que eu vou usar”. No que diz respeito à durabilidade, que também é um elemento-chave na aquisição de roupas novas, é exposto o seguinte: “Eu prefiro pagar mais caro às vezes e comprar uma roupa melhor para poder usar elas por mais tempo” (E4).

6.2.2 Prática 2: descartar roupas

Os materiais desta prática incluem a roupa, especificamente as roupas ociosas, sacolas onde são armazenadas e transportadas e os containers, onde algumas vezes são depositadas para instituições de caridade. Quanto à competência, tem-se: ‘saber onde descartar as roupas’. Os principais meios de descarte são a doação, seja para instituições de caridade ou para familiares e amigos, e a venda em sites e grupos de redes sociais ou em brechós. E3 diz que “de vez em quando eu passo uma (peça) para frente; tipo se ela ainda está bem legal, eu às vezes tento vender, ou então, nos *second hand* e tudo, ou então às vezes eu doo”. E13 explica que vende roupas no *ebay kleinanzeigen* (pequenos anúncios do Ebay), quando não tem coragem de dar ou não conhece em quem vai caber.

Com relação ao significado, observa-se certa satisfação em doar as roupas que não são mais usadas, seja pela doação em si ou pela sensação de renovação que a limpeza promove. E10, por exemplo, cita o seguinte: “comecei a doar nos containers, embora eu saiba que tem gente que abre à noite e pega, mas se tô doando, não importa pra quem tô doando”. Por seu turno, E6 expõe: “levo um tempo tentando encaixar naquela roupa e se dá um tempo, 6 meses, 1 ano, e aquela roupa não entra, eu prefiro doar do que ficar naquela tentativa, ocupando espaço e guardando aquela energia né que eu posso ajudar alguém doando aquela roupa”.

6.2.3 Prática 3: reutilizar roupas de segunda mão

O material desta prática é a roupa, especificamente a que já foi usada por outra pessoa. As principais competências são ‘saber o que é uma roupa de segunda mão’ e ‘saber onde adquirir roupas de segunda mão’. Apenas um dos praticantes não sabia o que é uma roupa de segunda mão, todos os demais tinham o conhecimento do que é e definiram, destacando-se como seus aspectos: roupa usada; roupa de brechó; roupa repassada por amigos ou familiares, doada ou revendida; roupa que não é nova; roupa diferente e barata.

No que diz respeito à aquisição, os praticantes sabem que podem conseguir roupas com amigos e familiares e onde podem comprar. E15 comentou que “aqui tem o free your stuff que às vezes as pessoas colocam ‘alguém quer isso aqui, tô doando, leva’”. Por seu turno, E23 disse: “em Berlim tem bastante evento de troca de roupa e tem o aplicativo ebay Kleinanzeigen”. E24 expõe que “pra comprar eu vou no brechó, tem um brechó muito conhecido aqui em Berlim, que é a Humana, tem roupas bem legais, bem interessantes, uma grande variedade e um preço bem legal. Se não for lá, eu compro no flea market, no verão”.

O primeiro significado é a economia. Adquirir roupas de segunda mão é mais barato que comprar roupas novas, como comenta E1. De modo semelhante, E10 expõe que “se o brechó for de boa qualidade, você sempre consegue por um preço mais em conta que na loja”. Especialmente, se são peças que compradas novas seriam mais caras, como casacos e roupas de frio. O segundo significado é a experiência da compra. Para E24 os brechós “tem uma

variedade que a gente não encontra na loja, os preços são bem mais baratos e a gente pode ter surpresas excelentes. Eu sempre tive boas experiências comprando em lojas de segunda mão e recomendo pra todo mundo”. Enquanto que para E7, garimpar é sem graça, porque tem que procurar muito para achar alguma peça boa.

O último significado é a qualidade. Na aquisição de roupas de segunda mão, sempre se buscam peças de qualidade. E6 e E15 citam que a qualidade e o estado de conservação da peça são importantes; E11 acrescenta que a marca também tem sua relevância, pois “o bom é você comprar não de marcas caras, mas de marcas que você sabe a qualidade, porque é uma coisa que você sabe que vai durar muito né”.

6.2.4 Prática 4: pegar roupas emprestadas ou alugar roupas

O material dessa prática é a roupa que pertence a outra pessoa ou a uma empresa que de aluga roupas e que será usada por um período limitado sendo pago ou não. Salienta-se que o questionário se referia à biblioteca de roupas, em que um conjunto de peças é alugado, mediante pagamento prévio, por um determinado intervalo de tempo. Contudo, apenas 2 entrevistados conheciam esse serviço e a maioria citou o aluguel de roupas para festas, em que se aluga algo para um evento específico e somente por um dia, no Brasil. Além disso, optou-se por coloca-las juntas por compartilharem as mesmas competências e significados.

Quanto às competências, tem-se “saber a quem pedir roupas emprestadas ou onde alugar” e “identificar os critérios para pegar uma roupa emprestada ou alugar”. No que diz respeito à primeira competência, dentre os participantes que tinham o hábito de pegar roupa emprestada, eles pegavam de suas irmãs e mães e de amigas. A maioria dos participantes não sabia onde alugar roupas em Berlim e apenas E18, que mora há 20 anos lá, tinha essa informação. Em relação a “identificar os critérios para pegar uma roupa emprestada ou alugar”, expuseram que geralmente pega-se a roupa em ocasiões específicas, como festas ou viagens, e quando se tem a necessidade de um tipo de roupa que não possui.

Os significados dessa prática são: comodidade, evitar o acúmulo de roupas, redução do consumo, variedade e economia. Alugar roupas é mais cômodo porque os praticantes não precisam se preocupar com a lavagem da roupa pós-uso, nem com possíveis ajustes, posto que esses serviços estão inclusos no aluguel (considerando o aluguel de roupas para festas no Brasil). Outro significado é evitar o acúmulo de roupas. Nesse sentido, E15 explica que “você não vai ocupar espaço no seu guarda-roupa com coisa que você não vai usar de novo”. Semelhantemente, E23 afirma que “você não vai acumular uma peça que você às vezes só vai usar 1 ou 2 vezes, que às vezes a gente compra 1 vestido pra isso e não usa muito”.

A redução do consumo é também um significado dessa prática. E3 comenta que “é um consumo mais sustentável, porque você não está tirando uma roupa da loja que passou por todo um processo de produção e de uso de um recurso”. Por seu turno, E9 declara que “não fica nesse consumismo de ‘tenho que ter, tenho que comprar, tenho que estar sempre na moda, tenho que ter a roupa do momento’, acho que nesse sentido é mais sustentável”.

Outro significado é variedade. E6 e E17 discorrem sobre a possibilidade de variar as roupas, investindo um valor menor e dispondo de opções diferentes das que têm e sem precisar repetir as roupas. A economia é o último significado. Sobre isso, E1 diz: “sempre procuro pegar com alguém conhecido pra não ter que comprar, porque eu não vou usar depois”. Por sua vez, E11, E12 e E16 expõem que alugando ou pegando emprestado o gasto é menor em relação ao que gastariam se comprassem algo novo e, por isso, sai mais barato.

6.2.5 Prática 5: trocar roupas

O material dessa prática é a roupa ociosa em bom estado de conservação. As competências dessa prática incluem: encontrar um destino para roupas sem uso e saber onde trocar. Com relação a encontrar um destino para uma roupa sem uso, E1 comenta que com a troca se adquire “uma peça nova sem ter que gastar e ao mesmo tempo se livrar de uma coisa que tu não tava usando”. Para E15, “você acaba trazendo peça nova pro seu guarda-roupa,

uma coisa diferente de usar sem precisar necessariamente gastar dinheiro, uma coisa que você não tá usando, você se desfaz, e você introduz peças novas pro seu guarda-roupa sem gastar”.

A maioria dos entrevistados nunca trocaram nenhuma roupa, nem sabem onde fazê-lo. Aqueles que já ouviam falar ou já trocaram disseram que existem grupos de troca no Facebook®, também existe essa opção no site Kleiderkreisel® e é possível trocar roupas com amigas. E1 falou sobre a dificuldade de ter acesso a um canal ativo e saber onde pode fazer as trocas, pois é o tipo de atividade que depende da organização de várias pessoas.

Os significados são: adquirir algo ‘novo’, economia e sustentabilidade. Sobre “adquirir algo ‘novo’”, E2 sintetiza afirmando que se troca “uma peça que você não usa por uma peça relativamente nova pra você, apesar de ela ser usada, ela vai ser nova pra você”. E3 comenta sobre refrescar o armário, enquanto E6 e E21 afirmam que a troca possibilita combinações novas com as roupas que já possuem. Por sua vez, E19 diz que a troca “é uma coisa um pouco mais livre que se eu tenho uma coisa que eu não quero mais e a outra pessoa tem uma que eu quero, essa troca permite ampliar um pouco meu guarda-roupa sem gastar dinheiro”.

O segundo significado é a economia. Para E10, com “a troca, na verdade, em vez de você doar você está economizando dinheiro também, porque é um item que você não está pagando e era um item que você já ia doar”. O último significado é a sustentabilidade. E7 menciona que “é uma questão mais social e ecológica, porque gera menos consumo e ao mesmo tempo menos desperdício têxtil”.

6.2.6 Prática 6: reciclar roupas e comprar roupas recicladas

O material dessa prática é a roupa usada que foi reaproveitada. As competências dessa prática são: conhecer possibilidades de reciclagem de roupas, saber onde adquirir roupas recicladas e saber os pré-requisitos para adquirir roupas recicladas. Os participantes conhecem duas formas de reciclar roupas: a customização de peças velhas e a aquisição de peças feitas com tecidos e fibras reaproveitados. A customização pode ser feita por amigas e familiares e em oficinas de costura ofertadas por Universidades, como a Freie Universität Berlin. As roupas podem ser adquiridas em lojas como Farm, no Brasil e na H&M e & other stories. A maioria dos participantes nunca adquiriu roupas recicladas, mas o faria se gostasse da roupa e de seu estilo e se o preço fosse atrativo.

Em relação aos significados, tem-se a percepção de que o processo criativo para elaborar peças recicladas ou customizá-las é mais trabalhoso. E1 expõe que acha “mais difícil customizar uma roupa e deixar ela legal do que fazer uma nova do zero ficar legal”. E8 destaca o trabalho manual, a inovação e a exclusividade da peça. Apesar disso, os participantes não pagariam um valor superior por esse produto. Assim, outro significado é o preço. E4 afirma que esse tipo de roupa deve ser acessível a todos e se for muito cara não vale a pena. E24 explica que “não adianta muito ter uma roupa reciclada que custa 100 euros, eu prefiro continuar comprando roupa ruim, que não é boa pro meio ambiente, é triste falar isso, mas é verdade, então tudo depende do preço e se ela me agrada de alguma forma”.

O último significado é a sustentabilidade ambiental. E3 fala que com a reciclagem “você não está retirando material do ambiente e às vezes os processos consomem menos recursos”. Na mesma linha E7 comenta que se usa “um recurso que vai demorar anos para se decompor e na verdade está ali disponível e muitas vezes de graça”. Enquanto E13 fala sobre o meio ambiente, por não ter que produzir tecido de novo e do impacto que isso tem na poluição de rios, e E21 sobre a redução de resíduos têxteis.

6.2.7 Prática 7: manutenção e cuidados com a roupa

As práticas relacionadas à manutenção e cuidado com as roupas são mais exploradas na literatura como em Shove (2003, 2012), Laitala, Klepp e Henry (2017), Laitala et al. (2020) e Mylan e Southerton (2018), por isso optou-se por discorrer brevemente sobre os elementos encontrados. Como nas práticas anteriores, o material principal é a roupa, seja ela suja, úmida, amassada ou que precisa de conserto ou ajuste.

Na lavagem destacam-se as competências ‘separar as roupas’, ‘medir a quantidade de detergente’ e ‘escolher o ciclo de lavagem’, pois uma vez que o praticante não tem esse conhecimento, danos permanentes podem ser causados às roupas, como manchas ocasionadas por peças que desbotaram, roupas deformadas ou mal lavadas. Ressalta-se que todos os entrevistados usavam máquina de lavar e nunca lavavam roupa à mão (devido à falta de estrutura para isso), além disso a água na Alemanha tem calcário, o que exige produtos específicos. Os principais significados associados a lavar as peças é ter roupas limpas e cheirosas, embora alguns praticantes acreditem na Alemanha as roupas às vezes fiquem mal lavadas por causa da água com calcário, por exemplo.

Com relação à secagem, a maioria dos participantes não tem acesso à secadora e seca suas roupas em varais de chão e penduradas em cabide, sempre esticando bem para não precisar passar, sendo essa umas das competências. Como significados tem-se a rapidez com que as roupas secam por causa do clima seco da Alemanha e a praticidade, porque ao estender as roupas bem não precisa passar depois.

A competência da passagem mais marcante é ‘identificar as roupas que devem ser passadas’, uma vez que a roupa só é passada no momento do uso e se está muito amassada. Por isso, o significado é a necessidade. Quanto ao reparo, os praticantes sabem fazer consertos simples, como costurar botões e pequenos rasgos, e não ajeitam a roupa quando ela já está muito desgastada ou quando o valor do reparo é superior ao valor pago na peça. O principal significado é ‘aumentar a vida útil da roupa’ e continuar usando-a por mais tempo.

7. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A prática de vestir, como um composto de práticas, é performada em espaços bem delimitados, como o lugar onde a roupa é adquirida, o guarda-roupa, a lavanderia e o varal. Para Schatzki (2015), as práticas são fenômenos inerentemente espaciais, os espaços pertinentes à vida social são cada vez mais o produto de práticas e as práticas sociais fazem e têm os próprios espaços. Nessa perspectiva, interpreta-se que quando brasileiros, que carregam práticas provenientes de um contexto diferente, deparam-se com lugares com espaços reduzidos e moldados para outras práticas, são convidados à mudança e são exigidas novas competências ou a readequação de antigas, como a organização do guarda-roupas e a separação das roupas periódica.

Blue (2019) atesta que as temporalidades sazonais e anuais, como as estações, interferem e importam ainda mais para as sequências, a taxa de recorrência e a interdependência das práticas. Essas temporalidades constituem uma ordem sócio-temporal, ou um conjunto de ritmos temporais, que configuram conexões entre as práticas. Assim, quando as estações mudam, é preciso que determinadas práticas sejam performadas.

As práticas de vestir são permeadas por rotinas e hábitos, uma vez que são constantemente reproduzidas pelos praticantes (SHOVE, 2012). Assim, os praticantes são portadores de certas formas rotinizadas de compreensão (RECKWITZ, 2002), por isso eles sabem quando é necessário organizar o guarda-roupa, onde podem comprar ou descartar roupas e de quem podem pegar roupas emprestadas, por exemplo. Esse tipo de conhecimento proporcionado pela prática habitual simplifica a vida cotidiana, além disso, torna os seus elementos constituintes relativamente estáveis, como sugere Shove (2012).

Destaca-se que as práticas rotineiras são mediadas de forma sociotecnológica e influenciadas por uma interação complexa de elementos sociais e materiais (DOYLE; DAVIES, 2013), portanto, a junção de uma cultura favorável à sustentabilidade com espaços destinados a doação de roupas, além de feiras e brechós que promovem o uso de roupas de segunda-mão, favorece a performance de práticas de vestir mais sustentáveis.

Os resultados sugerem que algumas práticas, como o compartilhamento de roupas com amigos e familiares e o aluguel de roupas para eventos específicos são bem sedimentadas entre brasileiros. Enquanto a reciclagem e a compra de roupas recicladas ainda não são

amplamente performadas. Isso pode acontecer porque os links entre os elementos que formam a prática ainda não são fortes o suficiente. Por exemplo, um dos significados é o preço e, para os praticantes, roupas recicladas são caras e eles não se dispõem a pagar mais por elas mesmo sabendo do trabalho envolvido em sua confecção.

Como Khalid et al. (2019) expõe em relação às práticas de lavagem, mesmo que ideias semelhantes de limpeza e lavagem possam estar no cerne dessas práticas onde quer que estejam situadas, os diferentes configurações sócio-materiais e cultural e historicamente contingentes resultam em práticas diferentes com temporalidades diferentes. Isso se aplica à prática de vestir. Mesmo que se trate da mesma prática, em um contexto diferente, novos elementos, competências e significados podem surgir.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de compreender a sustentabilidade na prática de vestir, encontrou-se que alguns elementos da slow fashion foram incorporados nessa prática, como a doação, a venda, a troca e o compartilhamento de roupas. Foram listadas 7 práticas que formam a prática de vestir, bem como os seus elementos - materiais, competências e significados. Todas essas práticas têm o mesmo material em comum: a roupa, seja ela usada, suja, ociosa ou que precisa de ajuste/conserto.

Este artigo contribui com o campo dos estudos das teorias de práticas ao analisar a prática de vestir, bem como seus elementos, como um composto de práticas, ampliando sua aplicação e olhando para a moda sob outra perspectiva: a do cotidiano de pessoas comuns. Ademais, a compreensão dessa prática pode auxiliar na disseminação de ideias que combatem o consumo excessivo de roupas e o desperdício e a captura de novos praticantes que incorporem os elementos mais sustentáveis da slow fashion em suas práticas.

Como limitações para a realização deste trabalho tem-se a restrição de tempo impossibilitando acompanhar o cotidiano dos entrevistados e a performance das práticas de vestir com mais precisão. Sugere-se como temas para estudos futuros: analisar as práticas de vestir no Brasil e como diferem entre as regiões; as implicações das práticas de manutenção e cuidados com as roupas no uso de energia; e os significados e competências que podem ter surgido na prática de vestir devido à COVID-19.

REFERÊNCIAS

- ALLWOOD, Julian; LAURSEN, Søren; RUSSELL, Suzana; RODRÍGUEZ, Cecilia; BOCKEN, Nancy. An approach to scenario analysis of the sustainability of an industrial sector applied to clothing and textiles in the UK. **Journal of Cleaner Production**, v. 16, p. 1234-1246, 2008.
- ANGUELOV, Nikolay. **The dirty side of the garment industry**. [S.l.]: CRC Press, 2015. Disponível em: <<https://www.taylorfrancis.com/books/9781498712231>>.
- BERG, Kim. **Fashionable step forward**. 2019. Disponível em: <https://www.deutschland.de/en/topic/life/fashion-in-germany-sustainability-instead-of-fast-fashion>. Acesso em: 3 out. 2020.
- BLUE, Stanley. Institutional rhythms: combining practice theory and rhythm analysis to conceptualise processes of institutionalisation. **Time & Society**, v. 28, n. 3, p. 922-950, 2019.
- BROWNE, Alison; PULLINGER, Martin; MEDD, Will; ANDERSON, Ben. Patterns of practice: A reflection on the development of quantitative/mixed methodologies capturing everyday life related to water consumption in the UK. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 17, n. 1, p. 27-43, 2014.
- BUCKLEY, Cheryl; CLARK, Hazel. **Conceptualizing fashion in everyday lives**. **DesignIssues**, v. 28, n. 4, p. 18-28, 2012.
- BUCKLEY, Cheryl; CLARK, Hazel. **Fashion and everyday life London and New York**. London: Bloomsbury, 2017.
- CASTELO, Aricia; SCHÄFER, Martina; SILVA, Minelle. Food practices as part of daily

routines: a conceptual framework for analysing networks of practices. **Appetite**, v. 157, p. 104978, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.appet.2020.104978>>.

CERVELLON, Marie-Cécile; WERNERFELT, Anne-Sophie. Knowledge sharing among green fashion communities online: lessons for the sustainable supply chain. **Journal of Fashion Marketing and Management**, v. 16, n. 2, p. 176-192, 2012.

CLARK, Hazel. SLOW + FASHION - an oxymoron - or a promise for the future ...? **Fashion Theory**, v. 12, n. 4, p. 427-446, 2008.

CORSINI, Filippo *et al.* The advent of practice theories in research on sustainable consumption: Past, current and future directions of the field. **Sustainability (Switzerland)**, v. 11, n. 2, 2019.

DOYLE, Ruth; DAVIES, Anna R. Towards sustainable household consumption: exploring a practice oriented, participatory backcasting approach for sustainable home heating practices in Ireland. **Journal of Cleaner Production**, v. 48, p. 260-271, 2013.

EKSTRÖM, Karin; SALOMONSON, Nicklas. Reuse and recycling of clothing and textiles: a network approach. **Journal of Macromarketing**, v. 34, n. 3, p. 383-399, 2014.

EVANS, David; MCMEEKIN, Andrew; SOUTHERTON, Dale. Sustainable consumption, behaviour change policies and theories of practice. *In: WARDE, Allan, SOUTHERTON, Dale (Eds.). The habits of consumption.* Helsinki: Open Access Book Series of the Helsinki Collegium of Advanced Studies, 2012.

FLETCHER, Kate. Durability, fashion, sustainability: the processes and practices of use. **Fashion Practice**, v. 4, n. 2, p. 221-238, 2012. FLETCHER, Kate; GROSE, Linda. **Moda & sustentabilidade: design para mudança.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

FLOOD, Alana. **Is Berlin the green fashion capital of the world?** Disponível em: <https://www.euronews.com/living/2019/07/02/is-berlin-fashion-green-capital-of-the-world>. Acesso em 17 de janeiro de 2021.

GILL, Alison; LOPES, Abby. On wearing: a critical framework for valuing design's already made. **The Journal of the Design Studies Forum**, v. 3, n. 3, p. 307-327, 2011.

GILL, Alison; LOPES, Abby; KAYE-SMITH, Holly. Practicing sustainability: illuminating 'use' in wearing clothes. **Cultural Studies Review**, v. 22, n. 1, p. 32-58, 2016.

GRAM-HANSSSEN, Kirsten. Standby consumption in households analyzed with a practice theory approach. **Journal of Industrial Ecology**, v. 14, n. 1, p. 150-165, 2010.

GRONOW, Jukka. Fads, fashion and 'real' innovations: novelties and social change. *In: SHOVE, Elizabeth; TRENTMANN, Frank; WILK, Richard. Time consumption and everyday life: practice, materiality and culture.* London, New York: Bloomsbury, 2013. p. 129-142.

HALKIER, Bente. Sustainable lifestyles in a new economy: a practice theoretical perspective on change behavior campaigns and sustainability. *In: COHEN, Maurie J. (Ed.). Innovations in Sustainable Consumption: New Economics, Socio-technical Transitions and Social Practices.* Cheltenham: Edward Elgar, 2013. p. 209-228.

HALKIER, Bente. Questioning the 'gold standard' thinking in qualitative methods from a practice theoretical perspective: towards methodological multiplicity. *In: JONAS, Michael; LITTIG, Beate; WROBLEWSKI, Angela (Ed.). Methodological Reflections on Practice Oriented Theories.* Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 193-204.

HALKIER, Bente; KATZ-GERRO, Tally; MARTENS, Lydia. Applying practice theory to the study of consumption: theoretical and methodological considerations. **Journal of Consumer Culture**, v. 11, n. 1, p. 3-13, 2011.

HARGREAVES, Tom. Practice-ing behaviour change: applying social practice theory to pro-environmental behaviour change. **Journal of Consumer Culture**, v. 11, n. 1, p. 79-99, 2011.

JAEGER-ERBEN, Melanie; OFFENBERGER, Ursula. A Practice Theory Approach to Sustainable Consumption. **GAIA - Ecological Perspectives for Science and Society**, v. 23, n. 3, p. 166-174, 2014.

JONAS, Michael; LITTIG, Beate; WROBLEWSKI, Angela. Object, perspectives and methodology of praxeological research. *In*: JONAS, Michael; LITTIG, Beate; WROBLEWSKI, Angela (Ed.). **Methodological Reflections on Practice Oriented Theories**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 251-268.

JOY, Annamma; PEÑA, Camilo. Sustainability and the fashion industry: conceptualizing nature and traceability. *In*: HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen; RYDING, Daniella. (Ed.). **Sustainability and fashion: a cradle to upcycle approach**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p.31-54.

JOUNG, Hyun-Mee; PARK-POAPS, Haesum. Factors motivating and influencing clothing disposal behaviours. **International Journal of Consumers Studies**. v. 37, p. 105-111, 2013.

JUNG, Sojin; JIN, ByoungHo. A theoretical investigation of slow fashion: Sustainable future of the apparel industry. **International Journal of Consumer Studies**, v. 38, n. 5, p. 510-519, 2014.

KHALID, Rihab; CHRISTENSEN, Toke; GRAM-HANSSSEN, Kirsten; FRIIS, Freja. Time-shifting laundry practices in a smart grid perspective: a cross-cultural analysis of Pakistani and Danish middle-class households. **Energy Efficiency**, v. 12, p. 1691-1706, 2019.

KLEPP, Ingum; BJERCK, Mari. A methodological approach to the materiality of clothing: wardrobe studies. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 17, n. 4, p. 373-386, 2012.

KUIJER, Lennke; JONG, Annelise de. A practice oriented approach to user centered sustainable design. **The Japan Society of Mechanical Engineers**, 2009.

LAI, Zhen; HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota. An exploration of consumers' perceptions towards sustainable fashion – a qualitative study in the UK. *In*: HENNINGER, Claudia; ALEVIZOU, Panayiota; GOWOREK, Helen; RYDING, Daniella. (Ed.). **Sustainability and fashion: a cradle to upcycle approach**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017. p. 81-102.

LEOCADIO, Aurio *et al.* **Consumo sustentável através das lentes das práticas: proposta de framework sobre domínios de práticas de consumo suscetíveis a intervenções para sustentabilidade**. 2019, São Paulo: FEA-USP, 2019. p. 280. Disponível em: <http://engemausp.submissao.com.br/21/anais/resumo.php?cod_trabalho=280>.

LITTIG, Beate; LEITNER, Michaela. Combining methods in practice oriented research. *In*: JONAS, Michael; LITTIG, Beate; WROBLEWSKI, Angela (Ed.). **Methodological Reflections on Practice Oriented Theories**. Cham: Springer International Publishing, 2017. p. 161-176.

MARTINEZ-BARREIRO, Ana. Moda sostenible: más allá del prejuicio científico, un campo de investigación de prácticas sociales. **Sociedad y Economía**, n.40, p.51-68, 2020. doi: 10.25100/sye.v0i40.7934.

MCMEEKIN, Andrew; SOUTHERTON, Dale. Sustainability transitions and final consumption: practices and socio-technical systems. **Technology Analysis & Strategic Management**, v. 24, n. 4, p. 345-361, 2012.

MOON, Karen; YOUN, Chorong; CHANG, Jimmy; YEUNG, Alex. Product design scenarios for energy saving: a case study of fashion apparel. **International Journal of Production Economics**, v. 146, n. 2, p. 392-401, 2013.

NIINIMÄKI, Kirsi. Tenents of sustainable fashion. *In*: NIINIMÄKI, Kirsi (Ed.). **Sustainable fashion: new approaches**. HELSINKI: AALTO ARTS BOOKS, 2013. p. 12-31.

NIINIMÄKI, Kirsi; HASSI, Lotta. Emerging design strategies in sustainable production and consumption of textiles and clothing. **Journal of Cleaner Production**, 2011.

PEDERSEN, Esben; ANDERSEN, Kirsti. Sustainability innovators and anchor draggers: A global expert study on sustainable fashion. **Journal of Fashion Marketing and Management: An International Journal**, v. 19, n. 3, p. 315-327, 2015.

PETERSEN, Trine; RIISBERG, Vibeke. Cultivating user-ship? Developing a circular system for the acquisition and use of baby clothing. **Fashion Practice**, 9:2, p. 214-234, 2017.

RECKWITZ, Andreas. Toward a theory of social practices - a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

RØPKE, Inge. Theories of practice - New inspiration for ecological economic studies on consumption. **Ecological Economics**, v. 68, n. 10, p. 2490-2497, 2009.

SCHATZKI, Theodore R. *Social practices*. New York: Cambridge University Press, 1996.

SCHATZKI, Theodore. Spaces of practices and of large social phenomena. **EspacesTemps.net**, Works, 2015. Acesso em: 23 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.espacestemp.net/en/articles/spaces-of-practices-and-of-large-social-phenomena/>>.

SCHATZKI, Theodore. Introduction practice theory. In: SCHATZKI, Theodore; CETINA, Karin; EIKE von Savigny (Org.). **The practice turn in contemporary theory**. New York: Routledge, 2001a. p. 10-23.

SCHATZKI, Theodore. Practice mind-ed orders. In: SCHATZKI, Theodore; CETINA, Karin; EIKE von Savigny (Org.). **The practice turn in contemporary theory**. New York: Routledge, 2001b. p. 50-63.

SCHATZKI, Theodore. Practices, governance and sustainability. In: STRENGERS, Yolande; MALLER, Cecily (Org.). **Social practices, intervention and sustainability. Beyond behaviour change**. Routledge studies in sustainability. London; New York: Routledge, 2015.

SHOVE, Elizabeth. Beyond the ABC: climate change policy and theories of social change. **Environment and Planning A**, v. 42, p. 1273-1285, 2010.

SHOVE, Elizabeth; PANTZAR, Mika. Consumers, producers and practices: understanding the invention and reinvention of Nordic walking. **Journal of Consumer Culture**, v. 5, n. 1, p. 43-64, 2005.

SHOVE, Elizabeth; PANTZAR, Mika; WATSON, Matt. *The dynamics of social practice - everyday life and how it changes*. London: Sage Publications, 2012.

SKJOLD, Else. Biographical wardrobes - a temporal view on dress practice. **Fashion Practice**, v. 8, n. 1, p. 135-148, 2016.

SOUTHERTON, Dale. Habits, routines and temporalities of consumption: from individual behaviours to the reproduction of everyday practices. **Time & Society**, v. 22, n. 3, p. 335-355, 2013.

STRENGERS, Yolande; MALLER, Cecily. Introduction: Social practices, intervention and sustainability: beyond behavior change. In: STRENGERS, Yolande; MALLER, Cecily (Org.). **Social practices, intervention and sustainability. Beyond behaviour change**. London; New York: Routledge, 2015. p. 1-12.

WARDE, Alan. Consumption and theories of practice. **Journal of Consumer Culture**, v. 5, n. 2, p. 131-153, 2005.

WARDE, Alan. **The practice of eating**. Cambridge: Polity Press, 2016.

WATSON, Matt. How theories of practice can inform transition to a decarbonised transport system. **Journal of Transport Geography**, v. 24, p. 488-496, 2012.

WOODWARD, Sophie. **Why woman wear what they wear**. Oxford, New York: Berg, 2007.

ZAMANI, Bahareh; SANDIN, Gustav; PETERS, Greg. Life cycle assessment of clothing libraries: can collaborative consumption reduce the environmental impact of fast fashion? **Journal of Cleaner Production**, v. 162, p. 1368-1375, 2017.